

# A performance latinoamericana enquanto ação estético-política: a discussão sobre feminicídio na obra de Regina José Galindo

Sarah Oliveira<sup>1</sup>

 0009-0001-5912-7933

*Como citar:*

In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 17, 2023. **Atas do XVII Encontro de História da Arte**. Campinas: IFCH/UNICAMP, n. 17, 2023.

DOL: 10.20396/eha.17.2023.11713

## Resumo

O presente artigo busca explorar os tensionamentos entre certas lógicas pré-estabelecidas que se materializam em violências diversas — aqui pensando especialmente o feminicídio —, e um movimento de oposição transcrito pela ação e pelo corpo. A *performance* artística, neste trabalho, se estabelece como uma ação estético-política que busca trazer à tona uma narrativa transgressora, movida pela reescrita de um discurso historicamente construído. Através das obras *Monumento a las desaparecidas* (2020), *Detrás de la ventana* (2020) e *Guatemala feminicida* (2021) de Regina José Galindo, propomos uma análise a partir da ideia de memória, da relação corpo-cidade e das potências de reescrita do lugar determinado e violento que se encontra a mulher latinoamericana.

**Palavras-chave:** América Latina. Feminicídio. Performance. Regina José Galindo. Cidade.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

## Introdução

Ao olhar para a América Latina a partir de uma perspectiva de gênero, nos deparamos com um cenário de complexidades vinculadas a um passado colonial que se distribui na contemporaneidade sob diversas facetas particulares de violência. Pensar esse cenário de forma crítica é pensar as transversalidades entre contemporaneidade e a repercussão da colonialidade, entendendo-a como processo contínuo e não acabado.

O presente artigo propõe um pensar sobre o *lugar* do corpo da mulher latinoamericana e os seus deslocamentos. *Lugar* no sentido de onde foi — e é — colocado esse corpo diante de uma estrutura patriarcal e colonialista que repercute em cenários de violência, feminicídio e abusos. Pautado em um sistema que se desenvolve a partir da dominação por gênero, esse *lugar* já é determinado, tanto por um contexto histórico como por um emaranhado de determinações repressivas que se perpetuam.

Pretende-se então pensar o deslocamento desse *lugar* determinado a partir da ação estético-política e, principalmente, da *performance* artística. Partindo do fazer artístico que se pauta na ênfase do corpo sobre o discurso, propicia-se uma narrativa paralela, destacando não apenas o *lugar* de corpo violentado da mulher, mas sua potência de corpo transgressor e político.

Partindo então de uma revisitação do que se entende sobre as estruturas de dominação de gênero na América Latina, a partir das epistemologias decoloniais e principalmente do feminismo decolonial de María Lugones, busca-se nesse artigo refletir as camadas profundas e históricas do feminicídio e da violência contra a mulher. Em paralelo, o trabalho se apoia no fazer artístico performático, desenhados nesse artigo a partir da análise da obra de Regina José Galindo, para discutir a potência de reescrita de narrativas a partir da relação corpo-cidade e da ação estético-política.

A artista performática guatemalteca realizou, a partir de 2020, uma série de *performances* que tem como ponto central de discussão o feminicídio e a violência contra a mulher. Entre elas focaremos neste artigo na análise de *Monumento a las desaparecidas* (2020), *Detrás de la ventana* (2020) e *Guatemala feminicida* (2021) a partir de algumas questões centrais: onde se encontra o limite entre o poder do discurso estabelecido exercido sobre os corpos e a habilidade de reação do corpo? Como se centra a relação corpo-cidade nesse exercício de criação de novas narrativas? Quais linguagens a artista estabelece em suas obras para trazer à tona um novo discurso?

## O vínculo entre o feminicídio e a colonialidade de gênero

“Yo no quiero ir a España porque allí me matan”. Essa foi a frase dita pela filha de 9 anos de Nancy Paola, ao comentar para o jornal *El Mundo*, sobre a ausência da mãe assassinada em 2020. A jovem de 28 anos, nascida na Guatemala, foi vítima de feminicídio por seu parceiro Carlos Andrés Bustamante após emigrar para a Espanha com a intenção de melhorar a vida de sua família.

Essa notícia causou comoção na Guatemala após repercutir o nível de violência envolvido no assassinato. A jovem grávida de 5 meses foi estrangulada, teve suas genitálias mutiladas, seu cadáver desmembrado e o feto retirado de seu corpo. O caso causou extremo impacto — e inclusive foi pontapé para realização da performance *Detrás de la ventana* (2020) de Regina José Galindo — pela violência intrinsecamente vinculada ao gênero: o lugar de mulher grávida e imigrante que ocupava Nancy Paola foi o motivo da violência que sofreu.

A definição de um caso dessa natureza como feminicídio perpassa por uma realidade na qual a violência por gênero “transcende qualquer tipo de ordem: nacional, estatal, capitalista”<sup>2</sup>, o que a coloca em uma camada específica de forma de violação do corpo. O feminicídio se define como uma violência particular porque está intrínseca a um sistema de poder, a uma forma de dominação, nas quais a morte, o desaparecimento e o abuso estão intimamente e intencionalmente ligados a razões de gênero.

A violência se dá no campo do corpo feminizado sob a forma de mecanismo de controle que é historicamente assegurado pelo sistema patriarcal, capitalista e racista — e ainda eurocêntrico, quando pensamos no contexto latinoamericano. O ato de violação contra o corpo da mulher não se exprime diante de condutas individuais, faz parte de toda uma expressão vinculada a uma estrutura social, a um imaginário coletivo profundo que dita e confere legitimidade às ações. Como aponta Segato, “el agresor y la colectividad comparten el imaginario del género”<sup>3</sup>, ou seja, a ação se transfigura a partir de uma estrutura simbólica e coletiva sobre o gênero, não de um desvio individual.

Karina Bidaseca faz uma leitura sobre a configuração da violência de gênero a partir dos estudos de Segato, que entende que a dominação se apoia em uma estrutura legitimada e não-individual, pelo contrário, essencialmente intrínseca no imaginário coletivo. Diante dessa formulação, a autora passa a pensar a partir da ideia de corpo como território, tendo nessa perspectiva o corpo feminino como um

---

<sup>2</sup> Tradução nossa do texto original: “trasciende cualquier tipo de orden: nacional, estatal, capitalista” BIDASECA, Karina. **Escritos en los cuerpos racializados**: lenguas, memoria y genealogías (pos)coloniales del feminicidio. Palma: Universitat de les Illes Balears, 2015, p.20.

<sup>3</sup> SEGATO, Rita *apud*. BIDASECA, Karina. op. cit. 2015, p.21.

*lugar* de disputa e espaço no qual reverberam as lógicas dominantes do patriarcado, do racismo e do poder do capital

Por consiguiente, se trata de un problema social del dominio de las relaciones de poder y dominación, por medio del cual se establece una jerarquía de valores que otorga al género masculino la superioridad por sobre el femenino; en el contexto de la configuración extractivista y depredadora del capitalismo en su fase contemporánea. Se trata así de pensar la analogía entre los feminicidios con el orden capitalista — masculino, racista y patriarcal — sobre los territorios — cuerpo/femenino —.<sup>4</sup>

Esse aspecto territorial do corpo da mulher além de estar vinculado a uma definição estrutural, e por consequência coletiva, se transcreve a partir de *algo* que já é determinado. Esse *algo* se estrutura tanto por um contexto histórico como por um emaranhado de determinações discursivas e repressivas que se perpetuam. Esse *lugar* determinado se desloca — ou pretende ser deslocado — a partir de práticas que negociam uma narrativa transgressora e paralela, e que para isso buscam destacar de onde surge essa determinação do corpo feminino como *lugar* de violência.

Quando pensamos em América Latina, a dominação de gênero — e consequentemente o feminicídio como uma das violências recorrentes dessa dominação — se discorre a partir de uma dimensão política e uma dimensão histórica, que são indissociáveis. Casos como esse de Nancy Paola são uma constante no território latinoamericano: segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), só em 2020 mais de 4.576 mulheres foram mortas na região vítimas de feminicídio, além dos casos de violência sexual e psicológica que tornam esse território, segundo a ONU Mulheres, a mais violenta do mundo para mulheres. Esses dados frisam o quão essencial é distinguir e particularizar os casos de violência contra as mulheres latinoamericanas, visualizando as especificidades históricas que se deram na constituição desse corpo e de seus *lugares*.

A América Latina, como território sócio-cultural, político e econômico particular, é atravessada por formas de poder que se impõem sobre os corpos através de faces de domínio muito vinculadas ao seu passado histórico colonial. A colonialidade, como processo contínuo e não acabado, nos permite entender o porquê do corpo da mulher latinoamericana ser, ainda na contemporaneidade, espaço de violência.

---

<sup>4</sup> Ibidem, p.21.

Partindo então dessa dimensão histórica, é necessário frisar um discurso que tem crescido nos diálogos sobre gênero a partir de uma abordagem epistemológica decolonial da história do Sul Global: as problemáticas resultantes do colonialismo não podem ser consideradas resolvidas com a emancipação dos territórios colonizados. A determinação da libertação de uma dominação imperialista não marca o fim definitivo das questões relacionadas à colonialidade, "o colonialismo, enquanto fenômeno histórico, antecede e origina a colonialidade como estrutura de poder, mas esta última persiste após o término do colonialismo"<sup>5</sup>.

O pensar decolonial — aquele que surge com o programa de investigação Modernidade/Colonialidade em 1990, formado por diversos estudiosos como Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Dignolo — aponta para um posicionamento que entende que a partir do movimento de colonização houve uma alteração das lógicas estruturantes da sociedade que, ao se fixarem pela dominação, estruturam o pensamento moderno. Uma dessas lógicas estruturantes, que passa a ser desenvolvida de forma mais coerente pelo feminismo decolonial de María Lugones, é a dominação pelo gênero.

De acordo com María Lugones, teórica e precursora do feminismo decolonial, a perspectiva de gênero não foi trabalhada de forma profunda pelos estudos decoloniais pré-existentes por eles não considerarem as particularidades do entendimento de "gênero" — se é que podemos usar o termo dentro de um contexto pré-colonial — dentro das sociedades pré-colombianas.

A autora se aprofunda em seus estudos sobre a ideia de *colonialidade do poder* apontada por Aníbal Quijano — termo que determina a relação de dominação colonial e moderna estabelecida a partir da ideia de raça e que se estabelece a partir da colonialidade do saber, da natureza e do gênero — e considera que a categorização de mulher/fêmea não é apontada pelo autor como uma das principais formas de opressão no contexto imperialista. Segundo Lugones, Quijano apresenta uma visão da divisão sexual "demasiadamente estreita e hiperbiologizada já que traz como pressupostos o dimorfismo sexual, a heterossexualidade, a distribuição patriarcal do poder e outras ideias desse tipo"<sup>6</sup>, ele não entra, portanto, em um questionamento sobre a descrição de gênero.

De um lado, o reconhecimento do gênero como uma imposição colonial — a colonialidade do gênero complexificada — afeta profundamente o estudo das sociedades pré-colombianas, questionando o uso do conceito "gênero" como parte da organização social. Por outro lado, uma compreensão da organização social pré-colonial feita a partir das cosmologias e práticas pré-coloniais é fundamental para entendermos a profundidade e o alcance da imposição colonial. Mas não podemos fazer um sem o outro. E, portanto, é importante entender o quanto a imposição desse

<sup>5</sup> QUINTERO, Pablo *et al.*. *Uma breve história dos estudos decoloniais*. São Paulo: Masp Afterall, 2019, p.6

<sup>6</sup> LUGONES, María. *Colonialidade e Gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020, p.68

sistema de gênero forma a colonialidade do poder, e o tanto que a colonialidade do poder forma esse sistema de gênero. A relação entre eles segue uma lógica de formação mútua<sup>7</sup>

A leitura de gênero de forma institucionalizada surge nesse contexto de imposição do modo de vida eurocêntrico e, por isso, Lugones propõe a ideia de uma indissociabilidade entre *colonialidade do poder* e *colonialidade do gênero*. Essa associação necessária entre um e outro se dá pela subordinação do corpo feminino colonizado através da introdução de arranjos patriarcais e da imposição de uma binariedade sexual das identidades que propriamente não fazia parte das comunidades e sociedade andinas, nativo-americanas e africanas.

É importante ressaltar os processos de introdução do padrão ocidental de divisão e organização social, de leitura dos corpos e de legitimação do conceito de gênero, que, conforme aponta Lugones, “[...]foram introduzidas através de processos heterogêneos, descontínuos, lentos, totalmente permeados pela colonialidade do poder”<sup>8</sup>. A perpetuação dessa desintegração dos modos de vida foi parte essencial do processo de dominação desses povos e, segundo a autora, a criação da categoria “mulher” foi uma das primeiras conquistas para iniciar o processo de controle sobre a população nativa.

Apesar da ocupação do território partir da imposição de um modo de vida ocidental, a diferenciação que era aplicada sobre os povos nativos, de acordo com Lugones, era a do dimorfismo sexual: macho e fêmea. Esse discurso racista reduzia a população nativa à animalidade, a noção de “mulher colonizada” se dava como uma “categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher”<sup>9</sup>.

Face a esse contexto, o feminicídio como uma violência de gênero esteve e se mantém integrado ao controle e a dominação. A violência contra o corpo da mulher comunica algo, “esta aliança entre patriarcado, capitalismo e colonialidade racista se organiza por meio de dispositivos que visam produzir a vida e as condições para o ‘fazer viver’ e paralelamente fazem morrer”,<sup>10</sup> ou seja, comunica a autoridade sobre a narrativa, sobre a produção de mortes de acordo com seus interesses, de dominação e de exploração. Essa “organização” como forma de controle tem seu respaldo histórico a partir do colonialismo e continua sendo bobina da definição dos *lugares* do corpo da mulher, justamente pelo funcionamento da violência como forma de ditar a narrativa.

---

<sup>7</sup> Ibidem, p.80

<sup>8</sup> Ibidem, p.80

<sup>9</sup> Idem. *Rumo a um feminismo descolonial*. Florianópolis: Estudos Feministas, 2014, p.939

<sup>10</sup> NIELSSON, Joice G. *A necropolítica de gênero, o feminicídio e a morte sistemática de mulheres na América Latina*: Uma análise a partir do sistema interamericano de direitos humanos. Niterói: Revista Culturas Jurídicas, 2020, p.147

O assassinato das mulheres latinoamericanas, em seu território ou em terras internacionais, como foi o caso de Nancy Paola, é parte do “sintoma de la barbarie del género moderno”<sup>11</sup>. A repercussão de uma violência historicamente normalizada como o feminicídio condiz com o controle do território: do território propriamente dito, como lugar social, político, urbano e cultural, e o território do corpo físico, das suas ações e direitos.

### **A reescrita das narrativas a partir da ação estético-política**

Como apontado anteriormente, existe uma dimensão política na morte de mulheres que está atrelada a uma dimensão histórica colonial, no sentido em que repercute a partir de lógicas que foram estruturadas sobre camadas sexistas e racistas da história de dominação da América Latina. O feminicídio comunica então de forma clara o entrave entre corpo e poder, no qual o domínio se fez a partir da conquista do território corpóreo e de toda a narrativa envolvida nesse corpo.

De forma paralela a essa camada solidificada de violência, existe um processo de transgressão que funciona como uma resposta à linguagem de poder e dominação. O ato de transgredir a narrativa tradicional sexista, eurocentrada, racista e feminicida está muitas vezes atrelado diretamente aos elementos que foram e são usados como armas contra a população: o território e o corpo propriamente dito.

O produto do território-corpo se dá na ação, ação esta que quando dotada de um caráter intencional, significativa e questionador pode se tornar uma ação estético-política. Essa ação seguida por uma consciência corpórea com potencial crítico, e até mesmo reconstrutor, é a que nos interessa nesse artigo. Justamente porque é o meio pelo qual o corpo, principalmente o corpo menosprezado pelas lógicas estabelecidas, consegue traduzir suas significâncias e apelos para o meio físico.

O Coletivo 28 de Maio, ao tentar definir o que é uma ação estético-política, escreve um manifesto que trás à tona toda a característica de coletividade do termo. Coletividade no sentido do conjunto da ação se caracterizar por meio do campo social, mas também pela capacidade individual de ser realizada por toda a coletividade, “todos somos capazes de produzir ações porque nós agimos”<sup>12</sup>. Muitas vezes relacionada a um artista específico, a ação estético-política não prevê essa necessidade, “o que está em jogo é o campo de forças que ela ativa... os efeitos que ela produz no campo social. (...)”<sup>13</sup>. O corpo do artista não é o que

<sup>11</sup> SEGATO, Rita *apud*. BIDAISECA, Karina. op. cit. 2015, p.24.

<sup>12</sup> COLETIVO 28 DE MAIO. *O que é uma ação estético-política?* (um contramanifesto). Niterói: Vazantes, 2017, p.195.

<sup>13</sup> Ibidem.

interessa necessariamente, pois ele está ali com a intenção de ceder “lugar aos efeitos que sua ação produz sobre o campo social”<sup>14</sup>.

A *performance*, aqui colocada como linguagem artística que muitas vezes produz ações estético-políticas, utiliza desse corpo em movimento e seu potencial de produção e de transformação dos lugares — de forma física, mas especialmente de forma intelectual e cultural — para retratar e reescrever lógicas dominantes da leitura dos corpos. Se a produção sobre o campo social é o que transcende uma mera ação para uma ação estético-política, o discurso e a intencionalidade da realização da *performance* a configura como tal.

O que interessa propriamente nessa ação é provocar debates em questões improrrogáveis do campo social e político. O próprio Coletivo 28 de Maio coloca como questão em seu manifesto: “que urgência ou urgências seriam essas? [...] quais as redes construídas, as zonas de risco e os efeitos quaisquer que são possíveis de causar e de nos afetar: nós, os outros e toda uma comunidade por vir”<sup>15</sup>. São inúmeras as questões potencialmente discutíveis, urgentes e improrrogáveis.

Quando pensamos no contexto latinoamericano e nos debruçamos sobre os dados de violência contra a mulher, colocamos o feminicídio como uma dos campos improteláveis de serem trazidos para a superfície da discussão. Não é atoa que a artista Regina José Galindo, ao escovar a contra-pelo questões referentes a colonialidade, continuamente se depara com a violência intrínseca ao corpo da mulher e as transforma em tema de ações performáticas transgressoras, em ações estético-políticas.

A artista visual, poeta e performer nascida na Guatemala mantém grande parte dos seus trabalhos voltados para questões de seu território natal e do Sul Global como um todo. Talvez a questão principal para essas afetações da artista se deva ao contexto de violência em que nasceu e cresceu. Galindo nasceu em 1974 e cresceu durante o período da guerra civil da Guatemala, um dos conflitos armados mais cruéis e violentos da América Latina. Segundo a Comissão de Esclarecimento Histórico em seu informe Guatemala Memoria del Silencio (1999) o período que perdurou a guerra civil, de 1960 a 1996, ocasionou mais de 150 mil mortes, 50 mil desaparecidos e 600 comunidades indígenas massacradas.

Esses 36 anos de tortura, desaparecimentos e assassinatos geraram sequelas que perduram na vida da população guatemalteca. Muitas das questões de Galindo se dão a partir de um viés crítico direcionado a discriminação racial, de gênero e a violência contra a população indígena como resquício desse período de guerra e da própria repercussão da colonialidade. Apoiada então na ideia de memória — seja ela de uma passado histórico ou de violências recentes que precisam ser consolidadas enquanto memória —, a

---

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Ibidem, p.193.



partir de 2020 a artista Regina José Galindo realizou uma série de *performances* que discutiam o feminicídio, especialmente o realizado contra mulheres guatemaltecas.

Como mencionado no início do artigo, Galindo realizou uma performance para o Festival Internacional de las Artes y la Cultura de Castilla y León (FACYL 2020) em Salamanca, na Espanha, denominada *Detrás de la ventana* (2020) [Figura 1]. Nessa performance, 34 mulheres estão cobertas com cortinas de casa em analogia às 34 mulheres que foram assassinadas por seus parceiros na Espanha de um de janeiro de 2020 até a realização da obra, em setembro de 2020. A performance realizada em frente a Nova Catedral de Salamanca tem como pontapé o caso de Nancy Paola, jovem guatemalteca que foi violentada, assassinada e desmembrada por seu parceiro na cidade de Santander, na Espanha.

Existem dois elementos centrais nessa performance, as cortinas que cobrem o corpo dessas mulheres e a própria presença desses corpos ali, estáticos. A obra remete ao silêncio do feminicídio que majoritariamente acontece em seus próprios lares, “*detrás de la ventana de sus propios hogares*”<sup>16</sup>. As cortinas coloridas fazem referência ao lar e recobrem o corpo das mulheres que permanecem ali cobertas por esse elemento que deveria remeter ao conforto da casa, mas, para as vítimas, impõe o silêncio da violência que sofreram.

Outro elemento essencial na ação — ou, nesse caso, na própria ausência de ação — é a presença estática dos corpos das 34 mulheres, que funcionam como monumentos de memória às vítimas de feminicídio. A linguagem do corpo, que permanece imóvel, recoberto por um tecido que oculta as feições do indivíduo presente, como uma estátua sem rosto, atravessa diversas obras de Galindo. Essa recriação de uma estátua que, embora seja um elemento vivo, permanece imóvel e inerte, atua nas obras da artista como um questionamento da memória. Estátuas e monumentos costumam existir para assegurar a lembrança de pessoas que constituíam a aristocracia, escravocratas, e colonizadores, então a artista utiliza dessa linguagem para questionar: a quem interessa recordar esses tantos homens responsáveis pela violência que se instaura no nosso Sul global?

Essa linguagem do corpo-monumento, que vai aparecer muito frequentemente em próximas obras, é inaugurada na videoperformance *Monumento a las desaparecidas* (2020) [Figura 2]. Assim como na obra mencionada anteriormente, essa videoperformance é composta pela presença de mulheres imóveis cobertas com tecidos, agora todas cinzas. Realizada em Berlim, a obra consiste na presença de 28 mulheres que permanecem ali até o entardecer, quando já está escuro o suficiente para não serem mais vistas, elas desaparecem na escuridão, junto com a luz do sol.

---

<sup>16</sup> GALINDO, Regina José. *Detrás de La Ventana*. Instagram: @galindoreginajose. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CFhQY1UsFD6/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CFhQY1UsFD6/?img_index=1)

**Figura 1:**  
Regina José Galindo,  
**Detrás de la ventana,**  
2020. Fotografia,  
100x150cm, Prometeo  
Gallery, Milão.  
David Darranz.



**Figura 2:**  
Regina José Galindo,  
**Monumento a las  
desaparecidas,** 2020.  
Fotografia, 90x135cm,  
Prometeo Gallery, Milão.  
Thabo Thindi.



A materialidade da obra é uma analogia à realidade da Guatemala onde, segundo números do alerta Isabel Claudina na altura da elaboração da obra, aproximadamente 28 mulheres desapareciam por semana. A imagem das 28 estátuas-vivas que cessa com a luz do sol funciona como monumento em memória das desaparecidas e como forma de barrar o esquecimento de uma violência que persiste.

A ideia de monumento, presente nas duas obras de Galindo, se atrela muito fortemente à questão da memória – tanto uma memória em homenagem àquelas que foram violentadas como também a necessidade de se lembrar de onde surge essa violência. Em ambas as obras Galindo trabalha com a

representação do passado, mas é mais que o passado daquelas 34 mulheres em *Detrás de la ventana* ou das 26 mulheres em *Monumento a las desaparecidas*, é um passado histórico, de uma violência que ultrapassa individualidades e que se retém como parte do contexto coletivo e cultural.

Ainda debruçada sobre o tema da violência contra a mulher, mas agora com uma linguagem diferente das anteriores, Galindo realizou a performance *Guatemala feminicida* (2021) [Figura 3] na Cidade da Guatemala. Nessa performance a linguagem do corpo estático dos monumentos vivos é substituída pelo corpo em movimento. A performance, realizada individualmente pela própria Galindo, constitui-se por uma longa caminhada pelas ruas da Cidade da Guatemala, passando no meio das pessoas que seguem o dia normalmente. Enquanto caminha a artista segura com as duas mãos por detrás de seu corpo uma bandeira preto e branca, como um “tapeador” — que seria, em português, um esfregão, uma vassoura, um rodo —, segundo as próprias palavras de Galindo



**Figura 3:**  
Regina José Galindo,  
**Guatemala**  
**Feminicida**, 2021.  
Fotografia.  
Instagram:  
@galindoreginajose.  
Juan Esteban.



No início do ato de intervir no espaço público com o próprio caminhar, Galindo retira a máscara de proteção respiratória e realiza seu percurso com um caminhar contínuo. Nessa ação estético-política, Galindo usa da linguagem do caminhar e de seu próprio corpo para referenciar e protestar a todos os feminicídios que ocorreram durante o período da pandemia, momento no qual diversas mulheres ficaram em casa com seus violadores.

Quando falamos de corpos Outros, como é o corpo dessa mulher violentada que Galindo representa, propor que o espaço da cena em uma performance seja o espaço urbano revela a importância de ocupar um local que historicamente foi retirado de um grupo. Ao atuar de forma consciente, todos os elementos — o local, a ação, o corpo, a ideia — fazem parte da cena e se tornam conjuntamente parte da ação performática.

Seja caminhando ou parando diante da cidade, a atuação política no espaço urbano funciona nas obras de Galindo quase como uma antítese da realidade. A presença do corpo da mulher é por si só transgressora, justamente pela cidade ser historicamente constituída por e para corpos dominantes. A produção do espaço se deu a partir de uma perspectiva colonial e por isso se mantém como espaço de dominação de certos corpos, de corpos Outros.

A performance enquanto ação estético-política entende a cidade, em contrapartida das lógicas estabelecidas, como um organismo vivo, como espaço de possibilidade, de manifestar novas perspectivas. Elizabeth Grosz, em seu texto clássico *Bodies-Cities* (2003), tenta trazer uma nova noção para os estudos do corpo, não mais centrado nas relações mente e corpo, interior e exterior, experiência e contexto social, sujeito e objeto, mas agora na noção corpo-cidade. Nessa abordagem Grosz entende que “o corpo e o seu ambiente produzem-se mutuamente”, onde “a cidade é feita e refeita à medida do simulacro do corpo e o corpo, por sua vez, é transformado, ‘tornado cidade’, urbanizado como um corpo reconhecidamente metropolitano”<sup>17</sup>.

Ao entender o corpo como extensão do território conquistado e a cidade como espaço de dominação, reescrever a relação corpo-cidade, entendendo a dicotomia entre *quem escreve quem* é parte essencial da ação estético-política urbana. Nas obras apresentadas de Galindo, onde o cenário principal é o espaço urbano, fica clara a noção do corpo das mulheres, especialmente na América Latina, como objeto onde se difunde um poderio espacial mas que, ao mesmo tempo, responde essas lógicas, transgredindo e reescrevendo a cidade, tudo ao mesmo tempo.

---

<sup>17</sup> GROSZ, Elizabeth. **Corpos-cidades**. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2011, p.90.

## Considerações finais

Ao pensarmos a ideia de ação estético-política — como ação coletiva, que se importa com os seus efeitos no campo social — no território latinoamericano, nos deparamos com as *performances* de Regina José Galindo. Preocupada com questões de violência de gênero, a artista utiliza da porção estética da *performance* para trazer para a superfície um problema que, como apontamos, ultrapassa o contemporâneo e parte de fissuras históricas de seu país e, de modo geral, de toda América Latina.

A *performance* de Galindo se dá como ação estético-política pelo seu potencial de efeito sócio-político relacionado ao discurso que aborda, mas também pela característica de coletividade das obras. A figura da artista aparece, mas o que está em cena de fato é a narrativa, que atravessa o campo social a partir de linguagens diversas.

As obras de Galindo nos trazem alguns paradigmas de discussão, partindo da potência da ação e de suas linguagens diversas, mas especialmente do uso da relação corpo-cidade em um território onde esses foram os principais elementos de dominação. A ocupação de um lugar de travessia entre o violar e o transgredir faz parte de diversas *performances* e movimentos artísticos que buscam traduzir suas significâncias do corpo oprimido para o corpo que atua.

A partir de um olhar sobre o corpo e a cidade como cenário de um emaranhado de problemáticas, a ação estético-política se desdobra diante de um paradigma entre lugar de repressão e, contraditória mas complementarmente, espaço de atuação transgressiva. O uso do corpo e do agir, como se apresenta nas *performances* de Galindo, são determinantes para desvincular a violência sobre o corpo atuante e, ao mesmo tempo, frisar a existência de um discurso passado que se perpetua.

Olhar para essas lógicas pré-estabelecidas de violência, especialmente o feminicídio, a partir da estrutura do corpo atuante, do corpo urbano que transpassam por si as estruturas de poder, do discurso, da arte da *performance*, propicia a criação de uma narrativa paralela. Esse novo discurso destaca não apenas seu *lugar* de corpo violentado, mas seu local de corpo transgressor e político, tendo não só potencial de se expressar de forma estética, mas também restituir o caráter político do espaço público através da experiência corporal consciente.

## Referências bibliográficas

BIDASECA, Karina. **Escritos en los cuerpos racializados:** lenguas, memoria y genealogías (pos)coloniales del feminicidio. Palma: Universitat de les Illes Balears, 2015.

COLETIVO 28 DE MAIO. **O que é uma ação estético-política?** (um contramanifesto). Niterói: Vazantes, v.1, n.1, 2017.

GALINDO, Regina José. **Detrás de La Ventana, Monumento a las mujeres asesinadas [...]**. 24 set. 2020. Instagram: @galindoreginajose. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CFhQY1UsFD6/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CFhQY1UsFD6/?img_index=1) Acesso em: 03 fev. 2024.

GALINDO, Regina José. Guatemala feminicida. **Regina José Galindo**, 2021. Disponível em: <https://www.reginajosegalindo.com/> Acesso em: 03 fev. 2024.

GALINDO, Regina José. Monumento a las desaparecidas. **Regina José Galindo**, 2020. Disponível em: <https://www.reginajosegalindo.com/> Acesso em: 03 fev. 2024.

GROSZ, Elizabeth. Corpos-cidades. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (org.). **Gênero, cultura visual e performance**: Antologia crítica. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2011.

LUGONES, María. Colonialidade e Gênero. In: HOLANDA, Heloisa, Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. São Paulo: Bazar do tempo, 2020.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Florianópolis: Estudos Feministas, v.22, n.3, set./dez. 2014.

Mais de 4 mil mulheres foram vítimas de feminicídio na América Latina e no Caribe em 2020. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, 25 nov. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/160367-mais-de-4-mil-mulheres-foram-vitimas-de-feminicidio-na-america-latina-e-no-caribe-em-2020>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MIÑOSO, Yuderkys. **Sobre por que é necessário um feminismo decolonial**: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. São Paulo: Masp Afterall, n.8, 2020.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz C. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. São Paulo: Masp Afterall, n.3, 2019.

Região da América Latina e do Caribe é a mais violenta do mundo para as mulheres. **ONU Mulheres Brasil**, 22 nov. 2017. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/regiao-da-america-latina-e-do-caribe-e-a-mais-violenta-do-mundo-para-as-mulheres-diz-onu/>. Acesso em: 05 jan. 2024.

VERA, Asier. Habla la hija de Nancy Paola, guatemalteca asesinada por su novio: "Yo no quiero ir a España porque allí me matan". **El Mundo**, Guatemala, dez. 2022. Disponível em: <https://www.elmundo.es/espana/2022/12/12/63961bc4e4d4d8296b8b45e3.html> Acesso em: 03 fev. 2024.